



DESIGNAÇÃO DE (C) SERTÃO, INTEGRADA AO TEXTO: HISTÓRIA DA AMÉRICA PORTUGUEZA, DESDE O ANO DE MIL E QUINHENTOS DO SEU DESCOBRIMENTO, ATÉ O DE MIL E SETECENTOS E VINTE E QUATRO - 1730¹

Solange Moreira dos Santos Velozo²
Taisir Mahmudo Karim³

Resumo: Este trabalho, inscrito na linha de pesquisa Estudos de Processos de Significação do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), propõe sondar e refletir, especificamente, como é construído, na história enunciativa, o sentido da palavra (c)sertão. A base teórico-metodológica deste trabalho funda-se a partir dos estudos desenvolvidos por Eduardo Guimarães (2002), em que “o sentido se dá no acontecimento do dizer”. Trazemos algumas considerações da noção de “o que é texto?” do ponto de vista da *Semântica do Acontecimento* de Eduardo Guimarães, um caminho que se mostrou motivador para o desenvolvimento desta pesquisa. Nessa perspectiva, apresentamos uma breve abordagem dos fundamentos teórico-metodológicos formulados por Guimarães (1987, 2002, 2005, 2007, 2009, 2011, 2012, 2017, 2018), estudados durante anos pelo semanticista, além de suas reflexões recente, apresentadas em *Semântica Enunciação e Sentido* (2018). O *corpus* deste trabalho formado constituiu-se de oito recortes⁴ que integram a expressão (c)sertão tomados no acontecimento de linguagem que constitui a obra: “*Historia da America Portuguesa, desde o anno de mil e quinhentos do seu descobrimento, até o de mil e setecentos e vinte e quatro composta por Sebastião da Rocha Pitta, & Lisboa Occidental, na Officina de Joseph Antonh da Sylva, 1730*”, e que constitui o *corpus* deste trabalho, configurado no espaço político das línguas e falantes que enunciam a colonização do Brasil de 1730.

Palavras-chave: Semântica. Acontecimento. Enunciação. Temporalidade. (C)Sertão.

Abstract: This work, inscribed in the research line Significant Process Studies of the *Stricto Sensu* Graduate Program in Linguistics of the State University of Mato Grosso (UNEMAT), proposes to probe and reflect, specifically, how it is constructed in the enunciative history. , the meaning of the word (c) sertão. The theoretical and methodological basis of this work is based on the studies developed by Eduardo Guimarães (2002), in which "the meaning is given

¹Este artigo, apresenta fragmentos do acontecimento enunciativo “A DESIGNAÇÃO DE (C)SERTÃO: ESPAÇOS DESCONHECIDOS NO BRASIL COLÔNIA”. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística, da Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística, com a **Orientação:** Prof. Dr. Taisir Mahmudo Karim. **Linha de Pesquisa:** Estudo de Processos de Significação. Dissertação defendida e aprovada em 12/03/2019

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística - PPGL/UNEMAT - 2019/1. mormsn@hotmail.com

³Professor Doutor Taisir Mahmudo Karim Doutor, do PPGL-UNEMAT. taisirkarim@hotmail.com

⁴ A noção de “*recorte*” definida por Orlandi (1984), em *Análise de Discurso*, segundo a qual, “o recorte é uma unidade discursiva. Por unidade discursiva, entende-se fragmentos relacionados de linguagem-e-situação. Assim, um recorte é um fragmento da situação discursiva” (Orlandi, 1984, p.14). Essa noção é operada e utilizada por Guimarães desde *Texto e Argumentação* (1987). Portanto, do ponto de vista da análise enunciativa, o semanticista julgou necessário poder dizer, reconfigurando a *noção de recorte* de modo a ser operada aos domínios dos estudos enunciativos. Logo, tomamos e operamos neste trabalho com a noção de *recorte na concepção enunciativa*, segundo a qual, “o *recorte* é um fragmento do acontecimento da enunciação”. Ainda conforme Guimarães (2018, p. 58), “não se trata simplesmente de uma sequência, mas de formas linguísticas que aparecem como correlacionadas em virtude de terem uma mesma relação com o acontecimento, independentemente da posição na sequência” (GUIMARÃES, 2008- grifos nossos).



in the event of saying". We bring some considerations from the notion of "what is text?" From the point of view of Eduardo Guimarães's Semantic of Happening, a path that proved to be motivating for the development of this research. In this perspective, we present a brief approach of the theoretical and methodological foundations formulated by Guimarães (1987, 2002, 2005, 2007, 2009, 2011, 2012, 2017, 2018), studied for years by the semanticist, besides his recent reflections, presented in Semantics. Enunciation and Sense (2018). The corpus of this work is constituted of eight cuts that integrate the expression (c) sertão taken in the event of language that constitutes the work: "History of Portuguese America, from the year of one thousand five hundred of its discovery, until the one of thousand and seven hundred and twenty four composed by Sebastião da Rocha Pitta, & Occidental Lisbon, in Joseph Antonh da Sylva's Officina, 1730 ", which constitutes the corpus of this work, configured in the political space of the languages and speakers that enunciate the colonization of Brazil in 1730.

Keywords: Semantics. Event. Enunciation. Temporality. (C) Sertão.

INTRODUÇÃO

Sertão é a palavra definidora de muitos conceitos: tem origem latina no verbo serísero, que quer dizer ligar com fio, tecer, juntar, atar, engajar, encadear. Dessa palavra latina se derivaram outras como desero, deserni, desertum, que se traduz na língua portuguesa por destacar-se, soltar-se, desertar (FERRAZ, 2014, p. 188)

Esta pesquisa integra-se aos "Estudo de Processos de Significação", com abrangência dos "estudos do funcionamento enunciativo da língua e dos processos de significação". A partir deste direcionamento, propomos uma reflexão linguística na perspectiva teórica da Semântica Enunciativa, sobre o funcionamento da palavra (c)sertão, de modo a verificarmos os sentidos constituídos no e pelo acontecimento de linguagem, no conjunto do acontecimento enunciativo específico que constituem, particularmente, a História da América Portuguesa, porque "a História não estuda o homem no tempo; estuda os materiais humanos subsumidos nos conceitos" (VEYNE, 1983, p. 52).

A linguagem permite ao indivíduo falar do mundo, isto é, com a linguagem se pode dizer tudo no mundo, e de tudo que se apresenta nele, porque a linguagem determina algo e um de seus modos de produzir sentidos é pela enunciação. A fim de dizer *o que é enunciação*, Eduardo Guimarães postula que [...] a *enunciação* diz respeito a algo que ocorre quando se diz algo". Isso, portanto, do seu ponto de vista, "trata-se, de um acontecimento, o acontecimento do dizer" (GUIMARÃES, p. 18, 2018).



Nessa perspectiva, é pela linguagem que vamos considerar um percurso teórico-metodológico para nossas análises neste trabalho, cujo centro de nossa reflexão é realizar o estudo da história enunciativa da palavra *(c)sertão*, observando o funcionamento enunciativo deste nome, realizando sondagens no acontecimento enunciativo de um conjunto de documentos que apresenta grande importância significativa na História do/no Brasil. A partir destes textos, selecionamos recortes, para analisarmos e observarmos a designação de *(c)sertão*, integrada a textos oficiais.

Os fundamentos e procedimentos são tomados aqui, a partir da perspectiva da *Semântica do Acontecimento*⁵, sobre a qual Eduardo Guimarães vem estudando e se dedicando incansavelmente, desde 2002, o que o levou, recentemente, a publicar a obra *Semântica Enunciação e Sentido*⁶. Conforme o semanticista, esta obra apresenta algumas reformulações e ajustamentos terminológicos, que ele considerou necessários, ao longo desses anos. Para sua posição materialista⁷, considera que “a linguagem não é transparente”, e que “sua relação com o real é histórica”.

Precipuamente, é sabido que, a partir do século XVI, Cristóvão Colombo foi o primeiro a visitar a “América”, levando especulações às Índias sobre uma “grande porção do Mundo”, o “Novo Mundo”, constituída de uma vasta Região. Esse acontecimento, no entanto, causou grande movimentação e cobiça aos navegadores, o que os levou além-mar em busca do “Novo Mundo”. Desse modo, esse acontecimento também foi o que levou o Capitão Mor, Pedro Alvares Cabral, a “descobrir o Brasil”, e ser considerado o primeiro. A partir de então, deu-se início ao processo de ocupação e colonização das terras do Brasil por Portugal, e os primeiros relatos sobre o Novo Mundo, como a carta de Pero Vaz de Caminha escrita no século XVI.

Nesse sentido, podemos encontrar significados múltiplos para a palavra *(c)sertão* integradas aos documentos datados do período colonial em vários relatos⁸, cartas, manuscritos, narrativas populares, regimentos, etc., de cronistas, viajantes, colonizadores, e principalmente de obras de escritores autorizados a dizerem sobre a possível “Descoberta do

⁵ Guimarães (2002).

⁶ Guimarães (2018).

⁷ Guimarães (2002, 2005, 2012)

⁸ Tomamos esse termo do ponto de vista apresentado por Orlandi (2008, p.119) na obra *TERRA À VISTA - Discurso do Confronto: Velho e Novo Mundo*. Conforme a autora, “no século XVII utilizava-se a palavra “*relation*” ou “*rapport*” para significar “relatos daquilo que alguém viu pessoalmente”. Mas de acordo com a linguista, “podem-se observar já aí os começos de uma diferenciação progressiva entre ficção (narrativa) e ciência (relatório).” Ou seja, para ela, “o “*rapport*” sabe-se, especializa-se pouco a pouco para trabalhos técnicos e científicos: relatório “*rapport*” de atividades, de pesquisa. Há uma disciplinarização dessa forma de escrita”.



Brasil”, cujas descrições percorrem desde antes do século XVI, até os dias atuais. Para tanto, a consideração da História Geral do Brasil é de grande importância para nossos estudos.

Iniciamos este estudo com um olhar ainda simplista, talvez o primeiro sentido designativo de *(c)sertão* no Brasil tenha sido *vasta Região*, termo que designava *a grande porção de terras na área litorânea da América Portuguesa*.

Desse modo, tomamos, particularmente, como *corpus* para sondagem e desenvolvimento deste trabalho, uma obra rara do século (XVIII), intitulada: “*Historia da America Portuguesa, desde o anno de mil e quinhentos do seu descobrimento, até o de mil e setecentos e vinte e quatro*, escrita por Sebastião da Rocha Pitta, &. *Lisboa Occidental, na Officina de Joseph Antonh da Sylva, 1730*”. Considerando que a palavra *Certaõ* apresenta-se enunciada no todo do texto (trinta e uma vezes) e *Certões* (nove vezes), vemos a importância desse termo nesse documento da história do Brasil.

Ao assumirmos o desafio de analisar os sentidos designativos na história enunciativa da palavra *(c)sertão* em textos oficiais que dizem sobre o Brasil, especialmente a obra do historiador Coronel Sebastião da Rocha Pitta (1730), consideramos os estudos não no sentido cronológico da História, mas como unidade de análise tomada no enunciado, a partir da perspectiva teórica materialista desenvolvida e estudada por Guimarães (1995, 2002, 2011, 2017, 2018), para quem o objeto de conhecimento constitui-se no funcionamento simbólico a partir de sua historicidade.

Portanto, o centro de nossa reflexão é o estudo da história enunciativa da palavra *(c)sertão*. Desse modo, observamos o funcionamento enunciativo da palavra, e, assim compartilhamos com a ideia de sentido apresentada por Guimarães (2018), para quem o sentido se dá “[...] como a significação do enunciado, constituído pela integração do enunciado ao texto, em virtude de sua interdependência relativa. E a semântica é nessa medida o estudo dos sentidos enunciados” (GUIMARÃES, 2018, p. 18).

O lugar teórico que tomamos para este trabalho, é da *Semântica do Acontecimento* (GUIMARÃES, 2002), e para as análises tomamos os procedimentos teóricos-metodológicos, definidos em Guimarães desde 2004, 2004a, 2005, que possibilita-nos representar o sentido das palavras (GUIMARÃES, 2017, p. 77). Esses conceitos e procedimentos viabilizam os possíveis relevos semânticos constituídos no funcionamento do dizer que enuncia a palavra *(c)sertão*



Procedimento de análise: DSD - Articulação e Reescrituração

A noção de “*Domínio Semântico de Determinação (DSD)*” foi desenvolvida por Guimarães desde 2004, 2004^a, 2005, para representar o sentido das palavras (GUIMARÃES, 2017, p. 77). Desde então, o *DSD* tem sido utilizado tanto pelo autor quanto por pesquisadores interessados pela *Semântica do Acontecimento*, para quem o sentido das palavras é construído a partir de relações entre expressões linguísticas construídas pela enunciação. Por outro lado, o estudo admite que a relação fundamental dessa construção de sentido é de determinação (GUIMARÃES; MOLLICA, 2007, p.9-10). Como afirma Guimarães (2018, p. 75):

Nosso procedimento de análise deve ser apropriado para analisar enunciados existentes (com seus modos de relação) enquanto enunciados de texto. Mas não se trata de construir um *corpus* específico. Trata-se de poder, a partir da análise de enunciados específicos, poder formular o modo como funcionam expressões em línguas diversas quando enunciadas (GUIMARÃES, 2018, p. 75).

Diante disso, faz-se necessário, então, apresentar a distinção e configuração feita por Guimarães sobre *Nomeação, designação e referência*, em *Semântica do Acontecimento* (2002, p. 9), conforme segue:

[...] a *nomeação* é o funcionamento semântico pelo qual algo recebe um nome. [...] A *designação* é o que se poderia chamar de significação de um nome, mas não enquanto algo abstrato. Seria a significação enquanto algo próprio das relações de linguagem, enquanto uma relação linguística (simbólica) remetida ao real, exposta ao real, uma relação tomada na história. Nesse sentido, o linguista e semantista, não toma o nome como uma palavra que classifica objetos. Ele considera, tal como *Rancière* (1992), que os nomes identificam objeto. [...] a *referência* será vista como a particularização de algo na e pela enunciação (GUIMARÃES, 2002, p. 9).

A relação de integração se configura por apresentar dois modos fundamentais de relação: A *articulação* e a *reescrituração*, procedimentos que apresentam modos de relações diferenciados e específicos. Portanto, para nossas análises, consideramos os modos de relação enunciativa de articulação e reescrituração.

De acordo com Guimarães (2012), a *articulação*:

[...] é o procedimento pelo qual se estabelecem relações semânticas em virtude do modo como os elementos linguísticos significam sua



contiguidade. Ou seja, organização das contiguidades linguísticas se dá como uma relação local, significada pela enunciação, entre elementos linguísticos (GUIMARÃES, 2012, p. 60-61).

A *Articulação*, apresenta modos de relação por articulação que podem apresentar-se como: *articulação por dependência*, *articulação de coordenação* e *articulação por incidência*⁹. Podemos exemplificar esses modos da articulação, a partir do quadro abaixo com as definições e indicações de algumas possibilidades. Guimarães (2012) define a *Reescrituração* como:

[...] O procedimento de reescrituração consiste em redizer o que já foi dito. Ou seja, uma expressão linguística reporta-se a uma outra por algum procedimento que as relaciona no texto integrado pelos enunciados em que ambas estão. Esse procedimento se caracteriza por fazer interpretar uma forma (reescriturada) como diferente de si. (em virtude da reescrituração). E nesta medida a reescrituração é um procedimento que coloca em funcionamento uma operação enunciativa fundamental na constituição do sentido pelo acontecimento (GUIMARÃES, 2012, p. 61).

A *Reescrituração*, assim como a *articulação*, apresenta *modos de reescrituração* distintos, como: Reescrituração por Repetição (sinonímia, hiperonímia); Reescrituração por Substituição/Elipse (especificação, definição); Reescrituração por Expansão (desenvolvimento, generalização, enumeração); Reescrituração por Condensação (Totalização/generalização). Para Guimarães (2018, p. 93), “o modo de reescrituração não é correlato direto de modos de significar”. Nesse sentido, ele diz que “podemos encontrar variadas relações entre o modo de reescrituração”.

Para Guimarães (2018, p.93), “o processo de reescrituração liga pontos de um texto com outros do mesmo texto, e esses mesmos pontos com pontos de outro texto”. Nesse sentido, podemos dizer que, no funcionamento de uma reescrituração, esses pontos são elementos linguísticos que se ligam, tomam, retomam, se relacionam com outros elementos e produzem sentidos de modos desiguais cujos modos de relações também são desiguais, e isso faz com que uma outra expressão linguística, ao funcionar, signifique de outro modo.

Pelo o ajuste terminológico feito pelo semanticista sobre a *Significação* e o *sentido*, “a *Significação* é a palavra para o conceito geral, objeto da semântica: o *sentido* é a palavra para significação dos enunciados” (GUIMARÃES, 2018, p. 17-18). Ou ainda, parafraseando Guimarães, podemos dizer que a *Significação* está para o conceito geral e objeto da semântica linguística e o *sentido* está para a significação do enunciado. Sendo assim, Guimarães

⁹ Sobre a definição de cada *Modo de Relação por Articulação*, consultar Guimarães (2018, p. 80-84).



considera o *sentido* como: [...] a significação do enunciado, constituído pela integração do enunciado ao texto, em virtude de sua independência. E a Semântica é nessa medida o estudo dos sentidos dos enunciados (GUIMARÃES, 2018, p.18).

Outras noções fundamentais da Semântica Enunciativa e procedimentos de análises são: Espaço de Enunciação; Cena Enunciativa; Temporalidade, Articulação; Reescrituração; Designação, consideradas decisivas no estudo da significação, e que constituem o ordenamento teórico-metodológico da nossa pesquisa. Primordialmente, para a posição que assumimos aqui, “a enunciação diz respeito a algo que ocorre quando se diz algo [...] trata-se de um acontecimento, o acontecimento do dizer, que se apresenta como um acontecimento de linguagem” (GUIMARÃES, 2018, p.17-18).

Desse modo, como procedimentos de análise para este estudo, consideramos também o que Eduardo Guimarães vem chamando “procedimento geral de análise à realização de sondagens”, pois as sondagens colocam em evidência “enunciados existentes, em textos existentes, e poderão ser relacionadas com outras sondagens que podem confirmar, infirmar, aprofundar, modificar o que se conseguiu com a sondagens já realizadas” (GUIMARÃES, 2018, p.18).

Apresentando o corpus

A obra “*Historia da America Portuguesa, desde o anno de mil e quinhentos do seu descobrimento, até o de mil e setecentos e vinte e quatro composta*, por Sebastião da Rocha Pitta, escrita por volta de 1724 e publicada em *Lisboa Occidental, na Officina de Joseph Antonh da Sylva*, na primeira metade do século XVIII em 1730, dela retiramos oito recortes para nossas análises cujo objetivo, é observarmos como a palavra *(c)sertão* é significada no conjunto dessa obra.

Nesta obra, o autor apresenta a descrição da História e as grandezas de uma das maiores Regiões da terra do Brasil, delineando a parte do Novo Mundo e do Velho Mundo (Orbe antigo), que compreende o círculo administrativo, político, social e econômico das terras do Brasil pertencentes à Coroa Portuguesa. Há, também, nessa história, a descrição dos círculos geográficos, que compreende as imensas Zonas, e Esferas celestes, as quais são apresentadas em estreito mapa, no qual são expostas **as dilatadas porções da terra**.

Rocha Pitta (1730) busca, com a *Historia da America Portuguesa*, expor ao público e chamar a atenção do Mundo para as grandezas e excelências que nele existe. Para esse



historiador, as riquezas existentes na América Portuguesa eram descritas e introduzidas por outros autores em diversos assuntos e de diferentes descrições. Por esse motivo, as narrativas chegadas ao Rei sobre a História da Região do Brasil não traziam outro objeto. Nesse sentido, segundo Rocha Pitta, o que justifica seus objetivos é que nenhum dos autores, até então, teria escrito a História da Região do Brasil “com maior gloria da Pátria”, como a oferecida na composição de seus escritos. Entre seus objetivos, focam-se os aplausos e reverência do Clima em que ele nasceu, o que garante e assegura a veracidade das notícias sobre a parte Meridional da grandíssima porção de terra que compreende o Estado do Brasil.

Diante de tais objetivos, o autor oferece a obra “A’ MAGESTADE AUGUSTA DEL REY D. JOAÕ V, e nela Rocha Pitta deixa marcados os domínios pertencentes à Coroa do rei, conforme diz: *em tofco, mas breves rafgos*” [...] *encaminhão ao Monarcha Supremo, de quem reconhece o domínio, e recebe as Leys [...] porque ao Principe, que lhe rege o Imperio, pertence patrocinarlhe a Historia* (PITTA, 1730, 9).

O texto de Rocha Pitta de mil setecentos e trinta nos interessa por ser considerada uma das obras raras do século XVIII. O autor apresenta sucessões de acontecimentos que dizem dos descobrimentos das terras no Brasil, desde mil e quinhentos até o ano de 1724. A obra está distribuída em dez partes, organizada no estilo de crônicas cujas narrativas vão mostrando como foram constituídos os espaços políticos, representativos e administrativos do Brasil. Como é sabido, a colonização do Brasil data de mil e quinhentos a mil e oitocentos e vinte e dois, de modo que essa obra recobre os acontecimentos sobre os primeiros dois séculos da colonização brasileira.

A *Historia da América Portuguesa* expõe o Novo Mundo e suas *dilatadas porções da terra* do atual Brasil, mas, nessa obra, o historiador trata apenas da parte Meridional, ou seja, da grandíssima parte de terra da Bahia, que compreende o então Estado do Brasil. Encontramos a palavra *Certaõ* funcionando, em todo do texto, trinta e uma vezes, e seu plural *Certões*, nove vezes. Nesse sentido, dizer isso não significa dizer da relação de contiguidade dessa unidade de texto, mas significa dizer como esta palavra designa ou está sendo designada “por estarem integrada em um enunciado que é enunciado por integrar-se ao texto” (GUIMARÃES, 2012).

Portanto, nesta pesquisa, vemos e tomamos a palavra (*c*)*sertão* na transversalidade do texto, no seu funcionamento com elementos distintos aos que se reportam e produzem sentidos. Para nós, “a relação entre os elementos não é o de contiguidade, e não se marca pela



direção da segmentalidade” (GUIMARÃES, 2012, p. 57-58). Sendo assim, os recortes trazem enunciações históricas do Brasil colonialista, publicadas na primeira metade do século XVIII.

Podemos encontrar, nesse acontecimento de linguagem, vários sentidos inferidos à palavra *(c)sertão*, apresentados pelos modos de dizer e redizer de quem enuncia tal elemento linguístico que temporaliza no próprio acontecimento do dizer e produz novos sentidos à unidade de análise. Podemos exemplificar com determinações que atribuem e designam *(c)sertão* como: “o interior dos Certões”, os Certões da Bahia”, “fertilidade e abundância das terras”, “pau Brasil (de que abundam as matas do seu Certão)” etc.

Nos itens a seguir, destacamos algumas análises, as quais são organizadas em duas subseções: 3.1 com as análises dos recortes¹⁰ (R.16; R.17; R.18 e R.19), e na subseção 3.2, com as análises dos recortes (R.20; R.21; R.22 e R.23).

3.1 Designação: o dilatadíssimo (C)Sertão da nossa América

Ocupamo-nos do texto da *A História da América Portuguesa*, que expõe o Novo Mundo e suas *dilatadas porções da terra* do atual Brasil. Desse acontecimento de linguagem, tomamos para a análise recortes cuja unidade de análise é a palavra *(c)sertão*, pois dizer sobre como essa palavra reescritura e é reescriturada é dizer sobre algo que ela significa e (re)significa no funcionamento de linguagem, no texto de Rocha Pitta. Passamos aos recortes e às análises do elemento linguístico *(c)sertão*, tomados na obra de Sebastião da Rocha Pitta:

(R.16) [...] de sorte, que atendendo ao que este Autor escreveu, entendo, que justamente se lhe deve dar o título de novo Colon¹¹, porque com o seu trabalho, e com o seu estudo nos soube descobrir outro **Mundo novo** no **mesmo Mundo** descoberto. Esta História está escrita com tanta elegância, só tem o defeito de não ser mais dilatada, para que os **Leitores** se pudessem divertir com maior torrente de eloquência. Todos os sucessos estão escritos com tão artificiosa brevidade, que se percebem sem defeito das notícias necessárias, porque de outra sorte ocupariam muitos volumes os negócios políticos, e as ações militares de tão **grande número de nações como são, as que habitam o dilatadíssimo Certão** da nossa América (PITTA, 1730, p. 27 – grifos e tradução nossos).

¹⁰ A enumeração dos itens 3.1 e 3.2, e dos recortes de análises, seguem a configuração original apresentados no estudo enunciativo: “A DESIGNAÇÃO DE (C)SERTÃO: ESPAÇOS DESCONHECIDOS NO BRASIL COLÔNIA, uma vez que este artigo é um fragmento deste acontecimento enunciativo.

¹¹ “Colon. (Termo da Orthographia) He hum dos sinaes importantes ao bom escrever, & he de dous modos, imperfeytos, & perfeyto. *Colon*: imperfeyto, he hum ponto em cima de uma virgula, assi; *Colon* perfeyto, são dous pontos hu em cima de outro, como: *Colon imperfeyto. Punctum cum virguâ. Colon perfeyto. Duo puncta.* Cada oração se assinava com dous pontoo, que he o *Colon* perfeyto. João Franco Barret. *Orthograph.daling.Portug.pag.219*” (BLUTEAU, 1712, p. 379).



(R.17) A montanha do Ararobá, que nasce no continente da terra do Porto do Calvo, e vai com a mesma grande altura cortando por muitas léguas o interior do *Certão*. O monte das Tabocas em Pernambuco, nove léguas da Vila do Recife. As montanhas dos Guararapes, que principiando menos elevadas quatro léguas da mesma Vila, vão continuando para o *Certão* com grandíssima altura, acabam em serranias, que penetram os ares; estas montanhas, e aquele monte, celebres pelas três famosas vitórias, que neles alcançamos dos Holandeses em três sanguinolentas batalhas campeãs (PITTA, 1730, p. 40-41– grifos e tradução nossos).

(R.18) Para o Sul a cordilheira de montes, que começando na Capitania dos Ilhéus com o nome de Serra dos *Aymorês*, e atravessando as do Porto Seguro, e do Espírito Santo, vão por cento e quarenta e três léguas de curso acabar na enseada do rio de Janeiro, onde lhes chamam Montes dos Órgãos. No caminho daquela Cidade para as Minas Gerais, a altíssima Serra da Itatiaya. Nos vastos destritos das Minas do Ouro, as inacessíveis serranias. De cujas vertentes (dizem os seus descobridores) nasce o grandíssimo rio S. Francisco. Nas próprias Minas do Sul o opulento Serro Frio, que tem mais partos de ouro, que o Potosí teve de prata. A estupenda Serra de Paranapiacaba, que tendo assento no continente vizinho as Vilas de Santos, e S. Vicente, vai inconstantemente subindo em voltas, umas sobre o mar, outras para o interior da terra, e dando por algumas partes entrada menos difícil, por outro estreito, e fragoso transito para a Cidade de S. Paulo, que lhe fica pelo *Certaõ* sete léguas distantes (PITTA, 1730, p. 42– grifos e tradução nossos).

(R.19) Distante cinquenta léguas por costa, numeradas desde o Cabo de Santo Agostinho, está o grandíssimo rio de S. Francisco, que com o Grão Pará, e o do Prata, podem fazer um Triunvirato das águas, dominantes sobre todos os rios do Mundo. São as suas margens mais povoadas, que todas as dos outros do *Brasil*, seguidas as suas ribeiras pelo continente, mais de quatrocentas léguas; fecundíssimas, e medicinais as suas águas, navegáveis de embarcações medianas mais de quarenta léguas pelo *Certaõ*; por duas abre a boca, querendo tragar o mar quando nele entra, e por muitas o penetra, adoçando-lhe as ondas. Enganaram-se alguns Escritores em dizer, que este rio no meio do seu curso, por um sumidouro se mete na terra, e depois de penetrar-lhe as entranhas pela distância de doze léguas, torna a sair com a mesma copiosa corrente; sendo o certo, que se estreitando entre duas cordilheiras de montes opostos, e dilatados em todo aquele espaço, parece que se subterra, em quanto por esta causa se esconde, afirmando os Gentios, que daquelas montanhas é visto correr pelas suas raízes descoberto (PITTA, 1730, pp. 44-45– grifos e tradução nossos).

Conforme aponta (R.16), podemos verificar a expressão **outro Mundo novo** reescriturado por substituição definida pela sequência enunciativa **no mesmo Mundo descoberto**, que aparece funcionando no texto, constituindo sentido, operando uma relação de simetria sinonímica com América, que, por sua vez, reescreve por expansão **o dilatadíssimo Certão**, este substituído por definição. Dessa maneira, quando o autor diz “[...] com o seu estudo nos soube descobrir **outro Mundo novo no mesmo Mundo descoberto**”, podemos



inferir com este enunciado que “Certão” é um novo mundo descoberto no interior de um mundo já conhecido e conquistado. Sertão é um mundo novo descoberto no interior das terras do Brasil, em que Mundo novo determina o **dilatadíssimo Certão**. Outra designação se apresenta, o **dilatadíssimo Certão** é reescriturado por elipse por **nações**, definida na expressão **as [] que habitam o dilatadíssimo Certão**, considerando que onde se lê **as [] que habitam o dilatadíssimo Certão**, se lê **as nações que habitam o dilatadíssimo Certão**.

Observemos, então, como o termo *(c)sertão* encontra-se determinado no texto a partir do DSD20:

DSD20

América — no mesmo Mundo conhecido † outro Mundo novo † o dilatadíssimo Certão
†
Nações

Onde se lê: o dilatadíssimo Certão é determinado por outro Mundo novo, que é determinado por no mesmo Mundo que opera uma sinonímia com América. Em outro movimento semântico, o dilatadíssimo Certão é determinado por nações.

Assim, temos que “outro Mundo novo”, ao determinar o **dilatadíssimo Certão**, o **dilatadíssimo Certão**, passa a designar o Mundo novo, ou seja, o termo o **dilatadíssimo Certão**, significando em (R.16) o desconhecido no mundo conhecido (América), aquilo que foi descoberto no Mundo descoberto, que está para ser explorado e conquistado. Dizemos, também, que o **dilatadíssimo Certão** determinado por **nações** significa outros sentidos em (R.16), como: o lugar desconhecido no mundo conhecido, o lugar onde habita grande número de nações de Gentios; Gentios Bárbaros; Gentio Bravo, cujos termos são enunciados pelo alocutor-historiador¹²várias vezes no acontecimento enunciativo no texto “*America Portuguesa*” (sic).

Devemos, ainda, considerar que quem nomeia, quem diz *(c)sertão* é um alocutor-historiador que diz para um alocutário específico, o alocutário-rei de Portugal, contando a história da Bahia. O alocutor-historiador ocupa um lugar de dizer de enunciador universal,

¹² Tomamos o termo “alocutor” conforme define Eduardo Guimarães (2018, p. 63), ao dizer que [...] o agenciamento da enunciação é o agenciamento do falante a fala. Este, enquanto agenciado a enunciar, se divide em lugar que diz (Locutor), lugar social de dizer (alocutor), e lugar de dizer (enunciador). Ou seja, o “alocutor” é agenciado a enunciar, dividido em “lugar social de dizer”.



pois diz do lugar da História, da ciência, ou seja, aquilo que ele diz constitui uma verdade universal.

Vejamos a análise do **(R.17)**, em que, de um lado, a expressão enunciativa “o interior do *Certão*” é reescriturada por substituição por “A montanha do Ararobá”. Por outro lado, “o interior do *Certão*” é reescriturado pela expressão “O monte das Tabocas em Pernambuco”. Ou seja, Pernambuco, nesse caso, reescritura por especificação “O monte das Tabocas” e “o interior do *Certão*”. Com isso, Pernambuco acaba por reescrever “o interior do *Certão*”, que é reescriturado por repetição por redução pelo termo “o *Certão*”. Nessa reescrituração, “o *Certão*” substituído passa a significar na expressão na qual funciona. Assim, “o *Certão*” acaba por condensar o que está designando “o interior do *Certão*”.

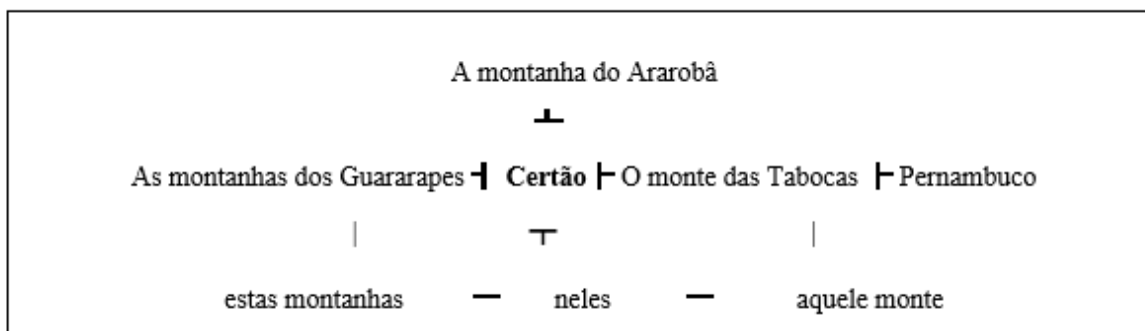
Por assim dizer, “o *Certão*”, no segundo parágrafo do **(R.17)**, é reescriturado por substituição por “As montanhas dos Guararapes”. Nesse caso, o *Certão* acaba reescriturado por substituição por “A montanha do Ararobá”; “O monte das Tabocas e “As montanhas dos Guararapes” especificados pela sequência “em Pernambuco”. Ou seja, “Pernambuco” também reescreve por especificação o *Certão*, e significa, nessa medida, um lugar constituído de montanhas e montes já conhecidos, posto que a expressão “celebres três famosas vitórias, que neles os portugueses tiveram com os Holandeses em três sanguinolentas batalhas campeãs”. Portanto, os sentidos designados à palavra *(c)sertão* no **(R.17)** é: o sentido do já conhecido, tanto dos colonizadores portugueses quanto dos holandeses; o lugar conhecido celebre, o lugar de famosas vitórias, montes e montanhas que adentram o interior de Pernambuco.

Ou seja, o sentido de terra dentro do conhecido. “A montanha do Ararobá”; “O monte das Tabocas” e “As montanhas dos Guararapes” são partes do que seja o interior do *(c)sertão* determinado por Pernambucano. Ainda assim, podemos descrever que há três simetrias sinonímicas por retomada catafórica, se observarmos que “monte das Tabocas” é retomado por substituição catafórica pela expressão dêitica “aquele monte”. Do mesmo modo, “As montanhas dos Guararapes” também são retomadas por catáfora por “estas montanhas”. E, o termo “neles” retoma por sinonímia tanto “estas montanhas” quanto “aquele monte”. Importante observar que “As montanhas dos Guararapes”, não estabelece sinonímia com “O monte das Tabocas”, sabendo que ambas não reescrevem o mesmo sertão.

Vejamos a seguir como o DSD desse recorte se apresenta:



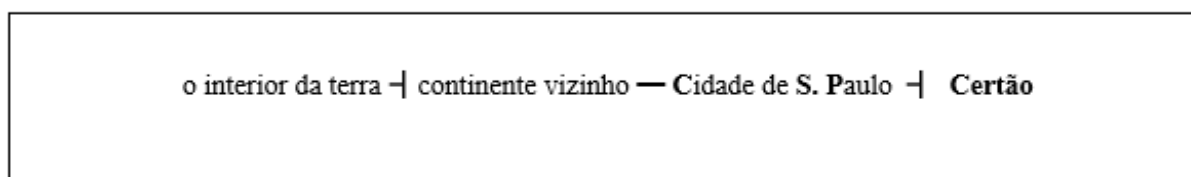
DSD21



Onde se lê: Certão está determinado por As montanhas dos Guararapes que opera uma relação sinonímica com estas montanha. Certão é determinado por A montanha do Ararobã que determina Certão, que é determinado por O monte das Tabocas que é determinado por Pernambuco. A sinonímia entre estas montanhas; neles e aquele monte acabam por determinar Certão.

Observemos que, o (R.18), retirado do *Livro Primeiro da America Portuguesa*, Rocha Pitta (1730, p.42), diz sobre os principais Montes existentes pela parte do Sul. Nesse funcionamento de linguagem, podemos encontrar a significação Certão reescriturada por substituição pela expressão Cidade de S. Paulo, que estabelece uma relação sinonímica com a sequência enunciativa “continente vizinho”. Desse modo, “continente vizinho” e “Cidade de S. Paulo” são reescriturados por substituição por especificação pela expressão “o interior da terra”, que acaba por definir “Certão”. Sendo assim, temos que “Certão” é determinado por “Cidade de São Paulo, que opera uma relação de simetria sinonímica com “continente vizinho”, e são determinados pela expressão “o interior da terra”, que também acaba por determinar e especificar “Certão”. Vejamos a seguir como o DSD desse recorte se apresenta:

DSD22



Onde se lê: Certão é determinado por Cidade de São Paulo, que opera uma relação de simetria sinonímica com continente vizinho e são determinados pela expressão o interior da terra que também acaba por determinar Certão.

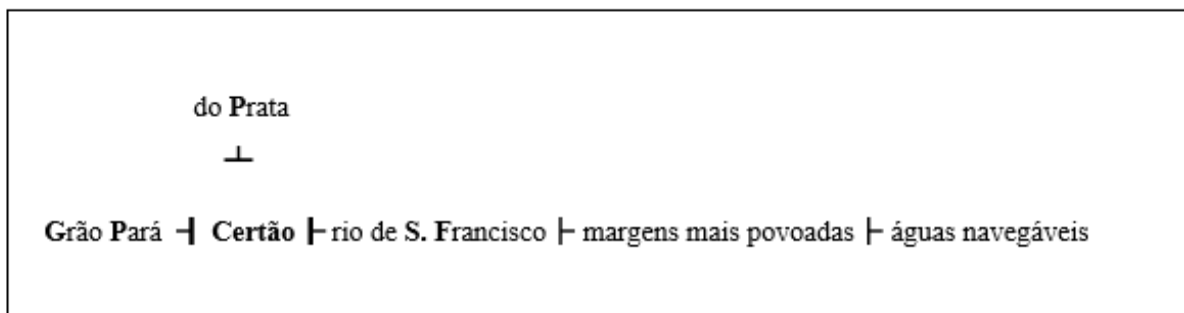
Passemos à análise do (R.19). Nesse funcionamento enunciativo, podemos observar que o termo “Certão” é reescriturado por substituição por especificação por “rio de S. Francisco”; por Grão Pará, e o do Prata. Vemos, ainda, nesse funcionamento semântico, “Certão” sendo reescriturado por “rio de S. Francisco”, e “rio de S. Francisco” reescriturado por substituição pela sequência de linguagem “margens mais povoadas”, que também é



reescriturada por “águas navegáveis”. Seguindo esta perspectiva, podemos representar a designação de “Certão” da seguinte maneira: “Certão” determinado, de um lado, por “rio de S. Francisco” que é determinado por “margens mais povoadas”, que é determinado por “águas navegáveis”. Em outra parte, “Certão é determinado por Grão Pará, e por do Prata.

Vejamos como se constitui o DSD a seguir:

DSD23



Onde se lê: *Certão* de um lado, é determinado por *rio de S. Francisco* que é determinado por *margens mais povoadas*, que por sua vez, é determinado por *águas navegáveis*. Em outra parte, *Certão* é determinado por *Grão Pará*, e *do Prata*.

Para prosseguirmos com as análises, tomamos mais quatro recortes, para observarmos a designação da unidade de análise (*c*)*sertão* no documento escrito por Rocha Pitta (1730).

3.2 A designação de (C)Sertão: as brenhas e matos no sertão do Brasil

No LIVRO PRIMEIRO da *Historia da América Portuguesa*, título *Frutas Silvestres frescas e quentes*, o historiador, ao descrever as frutas silvestres, caracteriza-as de “Os areticûs-apês”: os mamões, os muricis, os cajus, ou seja, espécies de frutos que contêm em si outro fruto de diferente qualidade na castanha. Os mamões, os muricis, os cajus são considerados frutas frescas. Já os cajás, e os jenipapos, são excelentes confortativos para o estômago, conforme descrição do autor. Dos jenipapos são feitos doces, e os **Gentios** tiram delas os seus mais generosos vinhos. Diante disso, Rocha Pitta diz também de outras espécies de frutas existentes no Brasil e, ao enunciar, descreve não só as frutas, caracteriza o lugar onde provavelmente se encontram as jabuticabas e os umbus. Segundo sua descrição, essas frutas são encontradas nas **brenhas e matos do Brasil**.

Seguimos com a análise dos recortes (R.20) e (R.21), extraídos do LIVRO¹³ TERCEIRO 165 - 166 – ANO DE 1568 (ANO DE TERROR). O (R.22), retirado do LIVRO

¹³ A expressão “livro” pode ser interpretada como “capítulos” na obra de Rocha Pitta (1730).



TERCEIRO, e o último recorte, o **(R.23)**, recortado do LIVRO SETIMO, que traz como título *Novo Santuario da Lapa e Sua defcripção*.

(R.20) [...]. De outras agradáveis posto que de **inferior estimação**, se **acham cobertas as brenhas, e matos do Brasil**, tendo **nesta multidão muito lugar** a jabuticaba, e o umbu, o qual **no Certão** supre com a cópia **do suco** a falda da água (PITTA, 1730, p. 65– grifos e tradução nossos).

(R.21) [...]. Logo senhoreamos toda a enfeada; e em prossecução da vitória, penetrámos **o continente**, matando no alcance muitos **Gentios**, que formando vários corpos da sua gente, intentaram impedirnos o passo; os mais se retirarão para **o interior daquele Certão**, aprendendo à sua custa o quanto lhes importava a sua quietado, e o não provocarem a nossa ira, tão justamente empregada na sua contumácia. As **terras conquistadas** se repartiram por moradores ricos, capazes de as cultivar, e defender; de cuja vizinhança se davam os inimigos por tão mal seguros, que não ousarão mais aparecer, **retirando-se sempre para os sítios mais distantes, e remotos do País** (PITTA, 1730, pp. 197 - 198– grifos e tradução nossos).

(R.22) [...] Informado EI Rey D. Sebastiao da **fertilidade**, e **abundancia das terras, que rega, e fecunda o rio Real**, cujo **pau - Brasil (de que abundam as matas do seu Certão)** iam os Franceses buscar, e ajudados pelos **Gentios** seus confederados, os conduziam àqueles portos, para o carregarem nas suas naos, ordenou ao **Governador** o mandasse povoar; em cuja execução enviou **Luiz de Brito de Almeida a Garcia de Ávila** a fazer uma **Povoação naquele rio**, que está em onze grãos, no detrito, e jurisdição da **Província de Sergipe** (PITTA, 1730, p. 212– grifos e tradução nossos).

(R.23) [...] Teve o Autor da natureza, desde que criou o **Mundo**, ou depois que fez ceifar as aguas do **Diluvio**, **oculta** até este tempo, por seus incompreensíveis juízos, ao trato dos racionais, e só permitida à fereza dos brutos uma admirável, e grande lapa no robusto corpo de uma dilatada penha, que ocupa um quarto de légua em circunferência, cuja base banham as **abundantíssimas** correntes do estupendo rio de **S. Francisco no seu interior Certão**, duzentas léguas da Povoação mais vidinha, não mostrando rasto, ou final de que fora pisada, **nem do Gentio bárbaro daquele inculto País**, que está na jurisdição da **Província da Bahia** (PITTA, 1730, p. 482– grifos e tradução nossos).

No recorte **(R20)**, “**no Certão**” é reescriturado por repetição hiperonímia por “matos do Brasil”, que estabelece uma relação de simetria sinonímica com “brenhas” e “nesta multidão”. Diante dessa observação, dizemos que “nesta multidão”, em sinonímia com “brenhas” e “matos do Brasil”, acaba por determinar “no Certão”. Vejamos o DSD:



DSD24

nesta multidão — brenhas — matos do Brasil † no *Certaõ*

Onde se lê: *no Certaõ* é determinado por *matos do Brasil*, que estabelece uma relação sinonímica com *brenhas* e *nesta multidão*. Portanto, *no Certaõ* acaba por determinar *matos do Brasil*; *brenhas* e *nesta multidão*.

Em (R21), o alocutor-historiador caracterizou o ano de mil quinhentos e sessenta e oito como o ANO DE TERROR, em toda Região Sul, nas terras conquistadas pelos Portugueses.

Como se observa, no (R21), a especificação “o continente” reescritura por substituição “o interior daquele Certaõ”. Vemos em um outro movimento “o interior daquele Certaõ” sendo reescriturado por substituição por “terras conquistadas”, que também é reescriturada por substituição por definição por “sítios mais distantes, e remotos do País”. Ou, dizendo de outro modo, “o interior daquele Certaõ” é determinado por “o continente”. E, “o interior daquele Certaõ” é determinado por “terras conquistadas”, que é determinado por “os sítios mais distantes, e remotos do País”. Ou seja, o sentido que determina a palavra (*c*)*sertão* no (R21) é o de lugar já conhecido, lugar já conquistado, lugar definido como sítios muito longe, lugares distantes e lugares afastados. A partir dessa análise, consideremos o DSD25:

DSD25

o continente

⊥

o interior daquele *Certaõ* † terras conquistadas † os sítios mais distantes, e remotos do País

Onde se lê: *o continente* determina *o interior daquele Certaõ*. Além disso, se lê: *o interior daquele Certaõ* determinado por *terras conquistadas* e por seu lado, é determinado por *os sítios mais distantes, e remotos do País*.

Sobre o (R22), verifica-se que o termo *Certaõ* está reescriturado por substituição por “terras”, que, por sua vez, determina “*Certaõ*”. Da mesma maneira, por seu lado, “*Certaõ*” é reescriturado por substituição por “*matas*”, que também determina o sentido de “*Certaõ*”. Considerando isso, a palavra (*c*)*sertão*, nesse caso, significa um lugar de terras férteis, terras



abundantes em matas, o já conhecido dos colonizadores, significado pelo enunciado da primeira linha no (R22) “[...]. Informado EI Rey D. Sebastiao”.

DSD26

matas † Certão † terras

Onde se lê: *Certão* é determinado por *matas* e determinado por *terras*.

Em (R23), encontramos a expressão nominal “interior Certão” reescriturada com o sentido definido por “rio de S. Francisco”.

Segue o DSD27, que melhor representa a designação da palavra (*c*)*sertão*:

DSD27

rio de S. Francisco † interior Certão

Onde se lê: *rio de S. Francisco* determina o *interior Certão*.

Considerações Mundo Novo: o dilatadíssimo (*c*)*sertão*

Com os resultados das análises, buscamos mostrar que sentidos à designação semântica da palavra (*c*)*sertão* se apresentam no acontecimento enunciativo de Rocha Pitta, para significar o Novo Mundo, e as *dilatadas porções da terra* do atual Brasil. Nesse sentido, observamos que a unidade de análise em questão designa sentidos que significam e (re) significam, conforme dito pelo autor, “outro **Mundo novo** no Mesmo Mundo descoberto”.

Diante disso, observamos a palavra (*c*)*sertão* na transversalidade do texto, funcionando na relação integrativa com elementos distintos, os quais se reportam uns aos outros e produzem sentidos. Como diz Guimarães (2012, p. 57-58), “a relação entre os elementos não é o de contiguidade, e não se marca pela direção da segmentalidade”. Nesse direcionamento, encontramos a palavra (*c*)*sertão* significando e historicizando o conhecido (Brasil) Novo Mundo, e dizendo e redizendo um Mundo Novo, que se apresenta como o desconhecido, e objeto de desejo por todos os colonizadores.

Importante dizer que a palavra (*c*)*sertão* se apresenta como acontecimento de linguagem do alocutor-historiador, retoma enunciações que foram constituídas nos espaços de enunciações de mil e quinhentos até mil e setecentos e vinte e quatro, mas o que faz a diferença e especifica a significação dessa palavra é o próprio “acontecimento”.



O que especifica um acontecimento é a temporalidade que ele constitui: um passado, um presente e um futuro. Ou seja, um acontecimento é distinto de outro acontecimento porque ele recorta um passado de sentidos que convive com o presente da formulação do Locutor e assim traz uma projeção de futuro de sentidos que não significariam não fosse o acontecimento em questão. Desse modo não é o Locutor que constitui o presente, parâmetro do tempo, como diria Benveniste (1959), mas é o acontecimento que constitui o tempo e assim constitui, agencia o Locutor (GUIMARÃES, 2012, p. 19-20).

Nessa perspectiva, a palavra *(c)sertão* é significada e temporalizada distintamente de outros acontecimentos. Como podemos observar na enunciação, ela retoma sentidos de um passado, porém latentes no presente formulado por Rocha Pitta (1730). Sendo assim, algumas designações que constituem a rede semântica para a palavra *(c)sertão* se apresentam pelos enunciados como: o Mundo novo, **o dilatadíssimo sertão**, os grandes números de **nações indígenas**, as muitas **montanhas e montes**, **os grandes rios**, **o interior do sertão**. Além desses sentidos, o termo *(c)sertão* é enunciado com sentido “o interior da terra”, para significar as terras da “Cidade de São Paulo”, ou seja, o conhecido.

O “rio de **S. Francisco**”, as “margens mais povoadas”, “águas navegáveis”, **Grão Pará**, e do **Prata** atribuem sentidos a *(c)sertão*. Portanto, o desconhecido no mundo conhecido é aquilo que foi descoberto, que está para ser explorado e conquistado, os **matos do Brasil**, as “brenhas”, lugares onde se podem encontrar muitos frutos e animais. O *(c)sertão* são terras conquistadas **no continente, são os sítios mais distantes, e remotos do País**.

Em suma, a palavra *(c)sertão*, no domínio semântico, é enunciada, primeiramente, para significar Novo Mundo descoberto, a vastíssima extensão de terra existente no **Mundo Novo descoberto**, ou seja, **o dilatadíssimo (c)sertão**, o desconhecido no Mundo já conhecido dos colonizadores, os quais organizavam expedições para conquistar as terras de dentro do *(c)sertão*, ou seja, para conquistar o desconhecido e tudo que nele existisse. Dessa maneira, a cada enunciação da palavra *(c)sertão*, para significar as terras e o interior do sertão do Brasil, novos sentidos foram constituídos.

Nessa medida, podemos dizer que este estudo, condensa toda a rede semântica que se desenvolveu ao longo desta pesquisa, pois, como se viu, o sentido da palavra *(c)sertão* se apresentou de modos diferentes nos acontecimentos de linguagem, tanto do lugar da lexicologia, da lexicografia, do geógrafo, da crítica literária, do historiador quanto do colonizador, dos quais destacamos alguns movimentos semânticos para mostrar a designação que construí sentidos à unidade de análise, pensando sua designação especificamente na



forma como foi construído o sentido da palavra *(c)sertão*, na história enunciativa que a historiciza.

Isto posto, dizemos que a designação de *(c)sertão* apresenta sentidos de nomes que “recorta o real, o mundo das coisas” (GUIMARÃES, 2018, p.171). Nesse sentido, podemos falar de como esse nome foi significando o que conhecemos hoje como Brasil, e o que ainda não conhecemos dele, ou seja, o sertão desconhecido.

Conforme as análises apreendidas, vimos os diferentes sentidos atribuídos à unidade de linguagem *(c)sertão* no percurso deste estudo, só foi possível pela linguagem, pelo funcionamento enunciativo, pelos modos de reescrituração, que atribuem sentidos, particularizam e especificam um elemento linguístico. Portanto, conforme Guimarães (2018, p. 171), “é nesta medida que a designação nos possibilita dizer do mundo”, tendo em vista que, do lugar teórico que ocupamos, ainda de acordo com o semanticista, “à designação distingue-se da referência, relação específica de uma expressão linguística e algo num acontecimento particular da enunciação” (GUIMARÃES, 2018, p.171).

Sobretudo, é com a linguagem e pela linguagem que nos foi permitido dizer como foram sendo constituídas as designações que determinaram os sentidos da palavra *(c)sertão*, as quais movimentaram uma rede semântica de sentidos que se diferem pela temporalização do dizer, constituídos nos acontecimentos enunciativos, os quais são produzidos em espaços de enunciação, espaços configurados pelas “relações de línguas as quais funcionam na sua relação com falantes”. Nessa perspectiva, “o espaço de enunciação é, então, um espaço político do funcionamento das línguas. **O agenciamento dos falantes**, enquanto tal, pelas línguas é político, pois é necessariamente desigual (GUIMARÃES, 2018, pp. 23- 24).

Assim, os espaços de enunciação dos acontecimentos enunciativos dos textos selecionados e analisados mostraram que o Novo Mundo já era conhecido, mas que existiam sentidos outros constituídos como um outro Mundo Novo, o dilatadíssimo sertão Brasileiro.

Visto desse modo, podemos dizer que no acontecimento de linguagem de Rocha Pitta (1730), a palavra *(c)sertão* é enunciada para significar uma parte da América Portuguesa. Ou melhor, para significar a parte Meridional que constitui o Brasil e, assim, os sentidos constituídos por esta palavra formam um novo delineamento geográfico no mapa do Brasil. Para tanto, o alocutor-historiador toma o enunciado *(c)sertão* para significar tanto a natureza e tudo que há nela quanto para dizer e significar seus habitantes, que são chamados de “naturais”, ou “naturais da terra inculta” e “barbaras Nações”. E, assim por diante, a palavra *(c)sertão* foi sendo destacada para significar os nomes de alguns países, terras e rios,



ênfatisando os nomes das terras conquistadas e suas regiões. Conforme afirmou Rocha Pitta, ele descreve “uma das maiores Regiões da terra”. Portanto, nesse acontecimento enunciativo, a palavra *(c)sertão* significa as grandezas e excelências da Região do Brasil, que ficaram ocultas depois da descoberta do Novo Mundo.

Sendo assim, mostramos algumas designações que constituem a rede semântica para a palavra *(c)sertão* apresentadas pelos enunciados como: o Mundo novo, **o dilatadíssimo sertão**, os grandes números de **nações indígenas**, as muitas **montanhas e montes**, **os grandes rios**, **o interior do sertão**, as terras da “Cidade de São Paulo”, ou seja, o conhecido. O “rio de S. Francisco”, as “margens mais povoadas”, “águas navegáveis”, **Grão Pará**, e do **Prata** atribuem sentidos à *(c)sertão*,

O desconhecido no mundo conhecido é aquilo que foi descoberto, e que está para ser explorado e conquistado. Os **matos do Brasil**, as “brenhas”, lugares onde se podem encontrar muitos frutos e animais. O *(c)sertão* são terras conquistadas **no continente, são os sítios mais distantes, e remotos do País**.

Nesse sentido, a palavra *(c)sertão*, no domínio semântico, é enunciada, primeiramente, para significar Novo Mundo descoberto, a vastíssima extensão de terra existente no **Mundo Novo descoberto**. Ou seja, o **dilatadíssimo (c)sertão**, o desconhecido no Mundo já conhecido dos colonizadores, os quais organizavam expedições para conquistar as terras de dentro do *(c)sertão*, ou seja, para conquistar o desconhecido e tudo que nele existisse.

Como se observou, a cada enunciação da palavra *(c)sertão* para significar as terras e o interior do sertão do Brasil, novos sentidos foram constituídos. Como se vê, *(c)sertão*, ao longo do acontecimento de linguagem, acaba nomeando os *(c)sertões* do Brasil, a partir das conquistas das terras da Bahia.

Para terminarmos, é importante que façamos uma observação no que diz respeito ao título da obra: *História da America Portuguesa, desde o anno de mil e quinhentos do seu descobrimento, até o de mil e setecentos e vinte e quatro composta*, por Sebastião da Rocha Pitta, escrita por volta de 1724, publicada em *Lisboa Occidental, na Officina de Joseph Antonh da Sylva*, que deixar subentender que será enunciada a história de toda América Portuguesa contada desde mil e quinhentos, mas, ao longo dos acontecimentos enunciativos que integram o todo do texto, isso não aparece.

Vemos que, nesse acontecimento de linguagem na obra de Rocha Pitta, o alocutor-historiador não diz dos acontecimentos seguindo uma ordem sucessiva de anos, pois



observamos que há ausências de alguns deles, os quais compreendem o pretérito do Estado do Brasil. Tais enunciações significam no presente e projetam uma futuridade, o que, sem dúvida, produziria novos sentidos para *(c)sertão*.

Conforme os resultados das análises apreendidas, observamos que a designação de *(c)sertão* produz uma relação com o real, segundo a qual ela diz do Novo Mundo e nos apresenta o Mundo Novo, partilhando, desigualmente, onde a designação se apresenta por uma relação de linguagem. Como vimos, nas enunciações tanto do acontecimento de linguagem de Rocha Pitta (1730) quanto dos acontecimentos dos textos analisados na primeira seção deste trabalho, dizemos que *sertão* significa e constrói sua história de enunciação nos acontecimentos enunciativos que diz e rediz: **o Novo Mundo, o Mundo Novo, o conhecido, o desconhecido, o dilatadíssimo sertão, dominação, poder, as terras do Brasil, as dilatadas porções de terra, uma das maiores Regiões de terras.**

Portanto, a designação de *(c)sertão* vai sendo produzida no acontecimento de linguagem na obra “*Historia da América Portuguesa*”, a partir das descrições do corpo natural, e material da Região do Brasil, distante da costa. Nessa perspectiva, a palavra *(c)sertão* vai sendo designada principalmente pelos sentidos dos enunciados que dizem das:

Grandezas dos rios, formosuras do seu terreno, pelo seu clima, e de seus Astros. Os seus montes mais famosos. Os seus campos, produções e lavouras. As suas ervas, flores, arvores, e frutas naturais da terra, como as frutas estrangeiras. As feras, brutos, e caças [...] A barbara vida, e costumes dos Gentios, seus primeiros habitantes (PITTA, 1730, p. 2).

Isto é, “o Novo Mundo, tantos séculos escondido, é a melhor porção do Brasil; vastíssima Região, terra fértil, onde sua superfície tudo são frutos, em cujo centro tudo são tesouros” (PITTA, 1730, p. 3). Sobretudo, a designação que produz sentido e constrói a história enunciativa da unidade de análise deste trabalho é constituída pela relação de linguagem significada enquanto enunciados que historicizam sentidos no mundo, e nos mostram como uma palavra pode significar, resignificar, produzir, reproduzir, dizer e redizer o conhecido e o desconhecido, mas que significa pela linguagem.

REFERÊNCIAS



AGUIAR E SILVA, Vítor. **Dicionário de Luís de Camões**. Alfragide, Portugal: Leya. Google Books, 2011.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de lingüística geral I**. Trad. Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. 5. ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.

_____. **Problemas de lingüística geral II**. Trad. Eduardo Guimarães et al. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2006.

SILVA, Giseli Veronêz da; KARIM, Taisir Mahmudo. Reescrituração: “patrimônio” – um percurso enunciativo. **Revista Linguagem**, v. 29, n. 1, p. 69-86, 2018.

OLIVEIRA, Sheila Elias de et al. **Cidadania: história e política de uma palavra**. 2004.

DIAS, Luiz Francisco. **Enunciação e relações linguísticas**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.

FERRAZ, Maria do Socorro. **A sociedade colonial em Pernambuco**. A conquista dos sertões de dentro e de fora. 171-226. 2014.

FONTANA, Mônica Zoppi; DE OLIVEIRA, Sheila Elias. Entrevista com Eduardo Guimarães, **Fragmentum**, n. 40, p. 13-48, 2014.

FLORES, Valdir do Nascimento. **Introdução à teoria enunciativa de Benveniste**. São Paulo: Parábola, 2013.

GUIMARÃES, Eduardo. **Semântica do acontecimento: um estudo enunciativo da designação**. Pontes, 2002.

_____. **Semântica do acontecimento: um estudo enunciativo da designação**. Pontes, 2005.

_____. **Domínio semântico de determinação**. A palavra: forma e sentido. Campinas: Pontes, 2007.

_____. Os sentidos e política de uma palavra da ciência. In: **Leituras do político**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.

_____. **Análise de texto: procedimentos, análises, ensino**. Campinas: Editora RG, 2012.

_____. Semântica da Enunciação e Textualidade. In: **Estudos dos Sentidos na Semântica e no texto**. Soeli Maria Schreeiber da Silva [e] Carolina de Paula Machado. São Carlos: Pedro & João Editora, 2013.

_____. Enunciação, Política e História: um olhar sobre as Línguas e a linguagem: Homenagem. [Realizada em julho/ agosto, 2014]. Santa Maria: **Revista Fragmentum -40-** do Laboratório **Corpus** Programa de Pós-Graduação em Letras – UFSM. Entrevista concedida



a Sheila Elias de Oliveira (UNICAMP) e Mônica Zoppi Fontana (UNICAMP) (Orgs). Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/fragmentum>. Acesso em: 14 dez. 2017.

_____. Espaço de enunciação, cena enunciativa, designação, **Fragmentum**, n. 40, p. 49-68, 2014.

_____. **Semântica: enunciação e sentido**. Campinas, SP: Pontes, 2018.

KARIM, Taisir Mahmudo et al. **Dos nomes à história-o processo constitutivo de um estado= Mato Grosso**: Mato Grosso, 2012.

_____. Brasil Colônia/Império: da ocupação à fundação do território da Capitania Minas do Cuyabá/Mato Grosso um estudo semântico de nomeação. **Linguagem e interpretação: a Institucionalização dos dizeres na história**. Campinas: RG, p. 13-31, 2013.

_____. Marcas do dizer: sentidos do Arraial do Cuyabá. *Estudos Linguísticos*, (São Paulo, 1978), v. 45, n. 1, p. 305-315, 2016.

_____: ALVARES, Lucas. De incivilizados a descivilizados: um percurso do nome vândalos. In: Eni P. Orlandi; Débora Massman; Andrea Silva Domingues. (Org.). **Linguagem, instituições e práticas sociais**. Pouso Alegre: Univás; Campinas: Editora Univás, 2018.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Terra à vista: discurso do confronto - velho e novo mundo**. São Paulo: Cortez, 2008.

PITTA, Sebastião da Rocha. **Historia da América Portuguesa desde o anno de mil e quinhentos do seu descobrimento até o de mil e setecentos e vinte e quatro**. 2. ed. Lisboa, Francisco. M.DCC.XXX (1730), em Lisboa, Portugal.

VEYNE, Paul. **O inventário das diferenças**. São Paulo: Brasiliense, p. 320-350, 1983.

VICENTINI, Albertina. O sertão e a literatura, **Sociedade e cultura**, v. 1, n. 1, 1998.

ZATTAR, Neuza. **Os sentidos de liberdade do escravo na constituição do sujeito de enunciação**. Campinas: Pontes, 2012.